

## Amar em Dezembro

Chovia copiosamente e a luminosidade àquela hora era escassa. A água da chuva corria pelas bermas das ruas e os beirados pingavam continuamente criando um quadro silencioso e sem cor. No entanto, em casa daquele homem, o fogo da lareira crepitava e a luz quente dos candeeiros tornavam o ambiente sereno. Era nestes momentos que gostaria de estar acompanhado pela mulher que conhecera outrora. Levantou-se e aproximou-se da janela. Lá fora, os automóveis iam e vinham e as poucas pessoas que se viam estavam escondidas por debaixo dos chapéus de chuva, como se fossem abrigos não só da chuva mas também do seu domínio de pertença. Aliás, era recorrente a imagem de amores casuais sob um chapéu de chuva. Também ele gostaria de ter esses momentos, pensou.

Decidiu descer e vaguear pelas ruas. Percorreu os passeios próximos de sua casa e ia observando as pessoas que se cruzavam com ele. De rostos fechados ou sem expressão, um ou outro sorridente pelas conversas com o colega, um casal abraçado, assim se deslocavam. No interior dos cafés, homens sós ou jovens namorados esperavam o passar do tempo. Mas foi na montra da livraria que o homem se deteve um pouco mais. As capas dos livros eram apelativas e a profusão de títulos imensa. Resolveu entrar. O ambiente acolhedor animou-o e foi folheando os livros até que ouviu alguém dizer-lhe: - Esse livro é ótimo. Eu gostei muito. O homem sorriu. Ela fez mais alguns comentários e ele agradeceu. Acabou por comprar o livro e saiu acenando cordialmente à mulher.

Enquanto se dirigia para casa a imagem dela manteve-se na memória. Sim, era bonita, de olhos castanhos e pele cuidada. E usava um gorro de lã colorido, lembrou-se. A lareira ainda fumegava e o homem voltou a atear-lhe. A chuva já parara e no parapeito da janela o tamborilar dos pingos era reduzido. Sentou-se, então, e folheou o livro calmamente. A história abordava uma família vulgar com as suas vicissitudes e em que uma doença alterara a rotina diária. Começou a ler e acabou por se deitar tarde embalado pela história e pela recordação daqueles instantes passados na livraria.

Nos dias seguintes, sempre que vinha do trabalho passava pelo passeio da livraria na esperança de voltar a encontrar a mulher. O tilintar do pequeno sino na porta de entrada chamava a atenção de quem passava perto e foi numa destas ocasiões que a viu a sair. Acelerou o passo até ela e cumprimentou-a. Ela retribuiu mas aparentava pressa. Disse: - Desculpe, gostava de conversar consigo mas tenho uma consulta. Fique com o meu

número. – E partiu. Ele agradeceu e ficou a vê-la afastar-se. A disponibilidade mostrada fez com que ele não se inibisse de lhe telefonar dias depois.

Combinaram encontrar-se no café próximo da livraria. Um café acolhedor onde podiam conversar e tomar uma bebida em sossego. Ela estava vestida com uma saia comprida e um casaco e usava novamente o mesmo gorro. Pediram dois cafés e apresentaram-se. Afinal, ainda não sabiam os respectivos nomes.

- Ah, sou o Fernando – disse ele primeiro.

- Clara, Maria Clara – respondeu ela com um sorriso sincero. - Talvez tenha achado estranho o meu à-vontade, mas é que gosto de conviver e o senhor pareceu-me uma pessoa calma.

- Bem, obrigado. De facto, não posso deixar de afirmar que achei invulgar a sua reacção de me dar o contacto. Mas ainda bem que assim foi, uma vez que eu estava sozinho e faz-nos bem partilhar ideias e ideais – afirmou Fernando.

- É curioso que estou numa fase da minha vida em que aprecio as pequenas coisas, os pequenos nada, o contacto humano, etc – continuou Clara, aquecendo as mãos na pequena chávena e sorrindo.

- Não lhe pergunto a idade, mas reparo que a Clara parece estar na idade da maturidade, na idade das certezas mas igualmente de algumas procuras.

- Sim, tem razão. Não me posso queixar da vida que tenho tido. Também é certo que sou optimista e quando sofremos reveses temos que os ultrapassar.

A conversa fluiu e chegada a hora de se despedirem trocaram mais alguns contactos. Ele ficou a saber que ela era professora do ensino secundário e ele informou-a do seu trabalho como consultor.

Os encontros no café repetiram-se e Fernando reparou que o gorro nem sempre era o mesmo. A confiança entre os dois foi sendo construída e quando Fernando julgou oportuno convidou Clara a beber um café em casa dele. O tempo continuava enevoado e fazia frio. As árvores já não tinham folhas e as que havia no chão eram levadas pelo vento. “Um tempo intimista”, pensou Fernando, enquanto esperava por ela em sua casa. A campainha tocou e ele foi abrir. Clara estava bonita e o gorro na cabeça transmitia um ar terno. Entrou e apreciou a sala sorrindo levemente. Foi até à janela e observou a rua em baixo e por breves momentos Fernando notou-lhe um ar ausente.

- Clara, estás bem?
- Sim, sim. Foi só um pensamento.

Sentaram-se, então, e conversaram tal como nos seus encontros habituais. Fernando aguardou o momento certo para lhe perguntar se ela não queria tirar o gorro.

- Clara, Posso fazer-te uma pergunta?
- Sim, claro.
- Porque não tiras o gorro? Aqui não está frio.

Clara sorriu timidamente e com a mão tirou-o . O cabelo não existia e Fernando compreendeu o que viu. Deu-lhe a mão e apertou-a . O fogo da lareira crepitava e a luz tremeluzente iluminou ambas as caras. Fernando soergueu-se e beijou-lhe a testa.

- Estamos juntos – disse

Na mesa próxima, o livro estava marcado a meio e lá fora voltara a chover.

Dezembro, 2008